

A EXPERIÊNCIA INTERCULTURAL NA FORMAÇÃO DE PÓS-GRADUAÇÃO

Ana Maris Petry

Adriane Maria Moro Mendes

RESUMO: Uma instituição relevante na formação de uma cultura é indiscutivelmente a universidade. Através dela, na forma de didática, de relação professor-aluno, de relação com o saber e com o ensino encontramos a fotografia de um povo. Frequentar uma universidade estrangeira, além de conhecer a nova cultura que essa apresenta, possibilita uma reflexão sobre os próprios modos, principalmente de estudo, de relação com o saber e com o poder. Este trabalho é um relato analítico que investigou, mediante entrevistas semi-estruturadas, a experiência de um grupo de vinte brasileiros que frequentaram um curso de especialização na Universidade Estatal de São Petersburgo (Rússia), concluído no ano de 2007. Os resultados possibilitaram, em primeiro lugar, uma aproximação na diversidade cultural que a globalização impõe; em segundo lugar, foi possível compreender o modo de ser do povo russo e conhecer melhor a própria identidade brasileira. A experiência foi considerada pelos entrevistados como fundamental para entender o impacto da globalização na perspectiva do indivíduo e sua relação com o país de origem, ao mesmo em tempo que permitiu, por meio da relativização dos estereótipos, adquirir novas e fundamentais competências.

Palavras-chave: Identidade, Estereótipo, Interculturalidade.

INTRODUÇÃO

O mundo é globalizado em dimensões planetárias desde os anos noventa. Avanço das telecomunicações, propagação dos meios midiáticos e popularização dos meios de transporte fizeram do mundo uma pequena aldeia. Deixemos aparte a discussão sobre a natureza do fenômeno global (se político ou econômico), e nos centremos no fato que ele irreversivelmente existe e naquilo que ele indiscutivelmente gera: uma aproximação de culturas extremas sem precedentes. Hoje, milhares de pessoas todos os dias têm contato direto (relações pessoais ou comerciais) ou indireto (mídia) com outras culturas, outros países, outros continentes. Isso colocou o mundo diante de uma gigantesca possibilidade de interação com culturas variadas, próximas e extremas.

Diante da pluralidade que a globalização apresenta, em todas as partes do planeta surgem movimentos em defesa da própria identidade cultural: incitativas e movimentos para a valorização da identidade cultural, propostas de educação para a paz, para os direitos humanos, para os valores etc.

Mas, em essência, o que é identidade? E o que é cultura? Como a globalização afeta a cultura? E como a cultura globalizada afeta a identidade? Como podemos integrar culturas tão diferentes e, ao mesmo tempo, manter a identidade particular de cada povo neste mundo plural? Estas são questões complexas que ainda carecem de estudos mais específicos. E é neste contexto que essa investigação busca dar um contributo de valor ao que já foi produzido no âmbito dos estudos culturais.

A pesquisa é de cunho qualitativa e foi desenvolvida no ano de 2008; caracteriza-se como exploratória interpretativa (MEKSENAS, 2002), permitindo evidenciar os elementos ricos das experiências dos indivíduos a fim de poder estudar em profundidade de análise. Os dados foram coletados por meio de entrevistas dirigidas (idem). As entrevistas foram previamente agendadas com os pesquisados e, uma vez autorizada a gravação, foram realizadas e posteriormente transcritas em sua integralidade a fim de facilitar o trabalho da análise.

O objetivo da investigação foi evidenciar a correlação entre identidade natural, relativismos de estereótipos e pluriculturalismo em um grupo de brasileiros que fez especialização profissional em um país muito distinto do seu, a Rússia. Analisamos a experiência de um grupo de vinte estudantes brasileiros, entre trinta a cinquenta e cinco

anos, atuantes em diversas áreas como psicólogos, empresários, médicos, professores, pedagogos, enfermeiros, arquitetos, advogados, bioquímicos, dentre outros, que freqüentaram um curso de pós-graduação *lato sensu* em Ontopsicologia na Universidade Estatal de São Petersburgo (Rússia). Todos os sujeitos possuem experiências culturais internacionais de diversos tipos como turismo, congressos, feiras e viagens à trabalho, são economicamente ativos e realizaram o curso às próprias custas. Além disso, esses indivíduos se submeteram à psicoterapia ontopsicológica.

A relevância da análise desta experiência está em três aspectos distintos:

a) o grupo: constituído por profissionais variados e com experiência anterior de psicoterapia ontopsicológica com conseqüente reforço à própria identidade de natureza e relativização dos estereótipos individuais e culturais;

b) o país: fechado ao ocidente por meio século, do final da segunda guerra mundial até Gorbachev instaurar a Perestroika em 1985, a Rússia foi um mundo desconhecido. Não é freqüentemente visitado para turismo e tanto menos por motivos de estudo ou trabalho. É um imenso país, com uma cultura rica, uma história fabulosa e uma tipologia psicológica muitíssimo diversa daquela brasileira.

c) o curso: resultado de um protocolo de intenções entre a Associação Internacional de Ontopsicologia¹ e a Universidade Estatal de São Petersburgo², o curso de Especialização em Ontopsicologia é o primeiro a ser desenvolvido entre estas duas grandes nações. Experiência nova para ambos os lados, foi a primeira vez que a Universidade Estatal de São Petersburgo, fundada em 1724 pelo Czar Pedro O Grande, acolheu um grupo de estudantes brasileiros entre os mais de trinta e dois mil estudantes matriculados.

Os dados foram colhidos e agrupados nos seguintes itens:

1. Avaliação da experiência.
2. Particularidades quanto à didática, aos professores e ao relacionamento professor-aluno.
3. Maiores dificuldades e maior aprendizado
4. Percepções sobre a cultura e a tipologia russa

¹ Formalmente constituída em 1978, a A.I.O é uma organização cultural, científica, apolítica e sem fins lucrativos que tem o status consultivo junto ao Conselho Econômico e Social das Nações Unidas:

<http://www.ontopsicologia.org.it>

² Fonte: <http://www.spbu.ru/e/>

5. Observações dos professores da Universidade Estatal de São Petersburgo

A análise tem uma perspectiva psicológica. As grandes questões econômicas e políticas, os aspectos históricos de dominação como aquela sofrida pelo Brasil na preponderância norte-americana, fundamentalismos religiosos, não são o foco deste trabalho, mas nos concentramos no aspecto individual, subjetivo, que é variável determinante para qualquer efeito social. Abordamos um aspecto da célula que compõe uma sociedade, um aspecto microscópico que, como um mosaico de milhares de pequenas peças, forma o aspecto macroscópico chamado conflito intercultural: o indivíduo.

Os critérios para a análise foram baseados na teoria ontopsicológica da personalidade e na definição de “identidade” e “estereótipo” de Antonio Meneghetti³, fundador da Ontopsicologia⁴. Essas referências possibilitam analisar o problema da interação multicultural sob um ponto de vista de crescimento para o ser humano em geral. Discutimos alguns conceitos fundamentais para entender a variável individual dos conflitos interculturais.

ANÁLISE DOS RELATOS

1. Avaliação da experiência

No atual contexto sócio-econômico, povos tão diferentes quanto distantes encontram-se a conviver e interagir cada vez mais. Isso impõe dois problemas:

1. Como entender e aceitar o diverso?
2. Como, no convívio com o diverso, manter a própria identidade?

No grupo analisado observamos que esses problemas foram superados, como pode ser verificado nos depoimentos a seguir.

A.M.⁵: “Foi uma experiência muito rica; o estímulo ao estudo era constante e a psicologia diversa dos professores russos, com sua profunda racionalidade, provocavam-me de um modo muito forte. Repensei tantos modos meus de ser e

³ Autor de mais de quarenta obras traduzidas para o inglês, francês, alemão, português, russo, espanhol, chinês. Entre os diversos títulos, possui doutorado clássico em Teologia, em Filosofia e em Ciências Sociais, láurea em Filosofia com endereço psicológico.

⁴ Estudo dos comportamentos psíquicos do homem em primeira atualidade, incluída a compreensão do ser; estudo da atividade psique do homem segundo as coordenadas do real; trata-se de partir do real fato antropológico e não da cultura e das suas reflexões.

⁵ Psicólogo, 42 anos.

descobri um prazer novo em ler e estudar. Todas as dificuldades que tive me ajudaram a crescer e a mudar alguns costumes típicos de estudante que eu ainda mantinha. Como um prazer adicional, nossas aulas aconteciam na Faculdade de Psicologia, exatamente naquele edifício onde Pavlov fizera seus experimentos nos anos vinte. (...) No contraste, também vi a amabilidade típica do brasileiro, a abertura que temos diante da diversidade, provavelmente pela formação multi-étnica que temos.”

S.W.⁶: Para mim foi um período extraordinário que eu não queria concluir. Estudei muito e seriamente porque não era possível ser aprovado sem um bom nível de entendimento do conteúdo. Depois, as experiências paralelas foram muito boas; a cidade tem uma história muito rica e particular. Por exemplo: para um brasileiro é estranha a estima que o povo russo tem pelos seus Czares; para nós, qualquer forma de autoridade é mal vista; para um russo, é natural amar seu líder.”

S.N.⁷: “Eu adorei freqüentar esse curso porque vi como o mundo é grande! Já havia viajado a muitos países, mas como turista você não tem muita interação com a cultura local. Um garçom que o atende na Piazza Navona é um clichê, não um italiano verdadeiro. Mas as ocasiões de trabalho e estudo, como há uma ação conjunta, possibilitam conhecer e entender como os outros fazem e pensam diferente de você, como têm soluções diferentes das suas para os mesmos problemas.”

Nesses depoimentos observamos que essa experiência provocou uma séria reflexão dos próprios modos de ser e também dos modos do outro. Se por um lado essa experiência reforça a identidade, também a repensa. Isso é demonstrado na reflexão que se fez acerca da autoridade, dos modelos políticos, dos modos de ser estudante e pelo enriquecimento da bagagem histórico-cultural.

Antes de falar de cultura, de identidade cultural, falemos da unidade elementar das culturas e das relações: o indivíduo. O que é o homem? O que é identidade? O que é cultura? Quais aspectos são determinantes nas suas relações sociais, intra e interculturais?

Não há evento social, não há cultura, não há conflito sem a unidade base que é o ser humano em si mesmo. O Homem é o constante objeto de estudo das diversas disciplinas e, portanto, da sua definição desencadeiam-se diversos modos de entender os correspondentes fenômenos físicos, sociais, culturais etc.

⁶ Empresário, 35 anos.

⁷ Enfermeiro, 42 anos.

Antônio Meneghetti faz uma análise do homem que vai dos aspectos ontológicos aos mais existenciais aspectos quotidianos. Afinal, o que é o homem? Antes de tudo, o homem é um projeto da vida. Nenhum homem nasce determinado por si mesmo e nenhum pai e nenhum mãe definem o que será aquele novo ser. O homem, quando toma consciência que existe, já existe.

O Homem é “uma unidade de ação histórico-espiritual constituída por um projeto ôntico em acontecimento terrestre” (MENEGETTI, 2001, p. 80). Quando se diz “é um projeto” falamos de uma forma que ainda não se desenvolveu, mas que, em condições adequadas, pode e deve se desenvolver. O bebê humano tem em potencial a possibilidade de falar, mas ainda não fala. É necessário o ambiente adequando para que essa capacidade inata se desenvolva. O projeto humano não é um projeto qualquer; é um projeto ôntico, portanto um projeto do ser entendido como “princípio fundamental do quanto existe ou é real” (MENEGETTI, 2001, p. 118), é um projeto da vida. A forma que define esse projeto o faz através de uma específica identidade. “Identidade” deriva do latim *id quod est ens* e significa “o que o ser é aqui, agora e assim” (MENEGETTI, 2001, p. 81). Tudo é ser: a pedra é ser, o passarinho é ser, Maria é ser; mas aqui, neste ser que Maria é, o que é?

Temos, portanto, uma identidade, “uma natureza interior que é em parte singularmente específica da pessoa, em parte é característica de toda a espécie” (MASLOW, 1971, p. 15). Garantida essa identidade, toda a aculturação sucessiva se torna relativa.

2. Particularidades quanto à didática, aos professores e ao relacionamento professor-aluno

É comum a observação da diferença de método, o que exigiu dos alunos um esforço e uma disponibilidade para a adaptação. Também ficou evidente uma diferença psicológica marcante no vínculo professor-aluno.

S.W.: Como empresário, não sou muito habituado a frequentar salas de aula, mas todo o conhecimento era apresentado com uma grande variedade de dados, pesquisas e exemplos. Quando estudamos sobre a percepção, fomos informados de que alguns monumentos durante a segunda guerra mundial foram camuflados de forma que os aviões inimigos não pudessem reconhecê-los. Após a aula, fomos visitá-los. Esse modo de ensinar despertava interesse porque eu via sua aplicação prática, cotidiana. (...) Todos tinham muito conhecimento da disciplina que ensinavam e eram “umas

máquinas” de dar aula! E se você se perdesse, tinha que buscar ajuda de um colega porque eles seguiam adiante! Entender era sua responsabilidade; não deles!

R.L.⁸: Os professores pareciam frios inicialmente. É uma outra tipologia psicológica, muito diferente da nossa. Nós somos mais afetuosos com um estranho, mas muito mais superficiais. Eles se resguardam mais e vão se aproximando com cautela, mas depois de um tempo você percebe que eles são profundamente humanos.

G.E.⁹: O estilo de lição que essa Universidade adota é da aula expositiva, algo que no Brasil é muito questionado. Nós priorizamos a aula interativa, lúdica. A aula expositiva exige que o professor domine o conteúdo e que o aluno tenha grande capacidade de concentração. Alguns defendem que o lúdico e interativo favorece a aprendizagem e é mais criativo, e essa é uma discussão antiga na área dos métodos de ensino-aprendizagem. (...) Essa experiência me demonstrou que não pode ser tolhida a responsabilidade do aluno quanto a sua aprendizagem. Foi uma ocasião onde não tínhamos a liberdade de questionar o professor. Relutamos durante um tempo e depois tratamos de aprender. E isso mostrou que esperávamos que viesse do professor o esforço para nós ensinar. A relação não era paternalista; era de que o aluno deveria fazer a sua parte. (...) Nas ocasiões em que podíamos interagir, eram eles que se surpreendiam porque ali se via a identidade criativa e afetiva do brasileiro. Foi uma troca interessante!

Salientamos como, apensar de clássico, o modo de ensino despertou interesse e, sobretudo, responsabilidade. A didática não era pautada na relação professor-aluno, mas sim numa curiosidade científica e na aplicabilidade do conhecimento. A inicial percepção do brasileiro diante da psicologia russa definida como “fria”, “distante”, foi gradativamente sendo depurada de estereótipos, de modo que novas e mais precisas percepções pudessem ser construídas. Veremos mais adiante, pelos depoimentos colhidos com os professores, que também a percepção destes em relação ao aluno brasileiro passou pelo mesmo processo. Outra didática estimulou novas conexões e, embora inicialmente difícil, foi possível de ser assimilada gerando ao final ganho intelectual.

3. Maiores dificuldades e maior aprendizado

⁸ Psicólogo, 46 anos.

⁹ Pedagogo, 42 anos.

As dificuldades comuns encontradas no freqüentar uma outra Universidade que foram citadas pelo grupo se resumem a duas: método de ensino-aprendizagem (ou racionalidade muito densa) e estilo de vínculo da relação professor-aluno.

D.A.¹⁰: Minha maior dificuldade foi me adaptar ao método: acompanhar por várias horas o professor expor o conteúdo era muito cansativo. Mas entendi como funcionava; se eu lesse anteriormente o material recomendado, conseguia acompanhar melhor.

M.L.¹¹: Para mim era difícil seguir um raciocínio muito mais lógico, muito mais estruturado do que eu estava acostumada. Era denso, é uma racionalidade muito precisa e muito interessante, mas difícil acompanhar as passagens e percebi que me faltavam conteúdos de base.

A.M.: Tive dificuldades no início porque via os professores muito distantes, quase indiferentes. Os professores eram focados no escopo que era a racionalidade e não mantinham uma relação pessoal. Depois fui entendendo, fui observando como eram discretos em manifestar alguma emoção, como eram cautelosos... Eles parecem frios, mas era um escopo que não se perdia.

R.L.: Para mim, foi particular a primeira supervisão de tese. Eu não conseguia entender se o orientador concordava ou não com a minha pesquisa. Eu entendia todas as palavras ditas, mas não tinha o reforço afetivo habitual. Para um russo, a palavra carrega o máximo de significado; para um brasileiro, o significado mais forte da comunicação está na fisionomia, na receptividade afetiva e principalmente nos modos de olhar. Sem esses elementos eu não compreendia o diálogo! Foi uma experiência que me fez pensar muito e, no final, percebi que buscava uma aprovação afetiva e que isso era uma constante na minha personalidade, enquanto que para meu orientador era um vínculo profissional. Depois de um tempo percebi que ele tinha simpatia pela minha pesquisa, mas com um outro modo de vivenciá-la e exprimi-la.

Nesses depoimentos vemos o esforço de adaptação a um mundo diferente. A tendência natural de buscar encaixar os mesmos modelos àquele novo mundo. Mas não funciona; seria como aplicar a moeda brasileira ao comércio russo, sem a conversão de

¹⁰ Advogado, 38 anos.

¹¹ Arquiteto, 45 anos.

valores. Naquele outro sistema, é possível mover-se se realizada a conversão. Isso vale para o câmbio e vale para as relações interpessoais.

Se considerarmos que uma nova arquitetura lingüística favorece o desenvolvimento de outras elaborações racionais, a conjunção de duas línguas diversas, do latim e do cirílico, apresentou um terreno fértil para novas sínteses. Vigotsky (1999) sustenta que a linguagem estrutura o pensamento. Portanto, quanto mais linguagens o indivíduo contata e se apropria, maior a possibilidade de desenvolvimento intelectual. Para isso não pode haver absolutismo de símbolos lingüísticos, culturais, comportamentais, afetivos etc. Quantas sínteses são possíveis fazer com vinte e seis letras (alfabeto latino)? E quantas fazemos com o acréscimo de outras trinta e duas (alfabeto cirílico)?

Na relação entre o homem e ambiente, existe uma recíproca: inicialmente o homem faz o ambiente; mas também o ambiente faz o homem. As faculdades humanas se desenvolvem em contato com esse ambiente e cada ambiente produz seus modos de desenvolver essas faculdades.

Nos depoimentos os pesquisados confrontam as estereotípias culturais.

G.E.: Os professores da São Petersburgo têm uma grande tradição de pesquisa, uma formação altíssima. Todo o conhecimento é maturado com pesquisa, com longos anos de estudo sério. Aprendi uma outra relação com o conhecimento e um outro modo de construir a argumentação.

B.J.¹²: “Ver as diversidades de cultura fez desenvolver um senso crítico com relação a nossa cultura que, do ponto de vista científico, é muito superficial. Percebi que eu também me conhecia apenas superficialmente. A experiência com essa Universidade fez com que eu pudesse rever a mim mesma de modo mais profundo e identificar o que era essencial e o que era relativo. Por exemplo: durante o período comunista, os jovens se casavam muito cedo porque cada novo casal adquiria o direito de receber um pequeno apartamento do Estado. Isso fez com que o conceito de casamento se estruturasse de modo muitíssimo diferente daquele brasileiro, essencialmente ligado ao sentimento de amor entre os parceiros. O matrimônio para um brasileiro é sinônimo de amor; para um russo era sinônimo de casa própria e possibilidade de sair da casa dos pais. Não há um certo e outro errado; é relativo, enquanto essencial para um indivíduo é a necessidade de vínculos afetivos e de segurança.”

¹² Consultor empresarial, 46 anos.

Já da Psicanálise, mas não somente, temos que as primeiras experiências formam os modos mentais e comportamentais do indivíduo. Sobre essa semente da vida, ainda no útero materno começa incidir o ambiente. Ambiente é uma palavra que vem do latim e significa “*ambitus entis*”, “o cerco ou espaço daquele ente. (...) Espaço de interação de um sujeito: esta interação pode reforçar ou desagregar seja o sujeito que as suas relações” (MENEGETTI, 2001, p. 12).

Para Meneghetti, o homem existe na natureza, mas quando analisamos como ele se comporta percebemos que pensa e age segundo um conjunto de estereótipos. Estereótipo, segundo o Dicionário de Ontopsicologia, é “um comportamento típico aprovado e reconhecido, mas indemonstrado” (MENEGETTI, 2001, p. 65). São hábitos, modos de ser, de se comportar e pensar valorizados pela cultura ou pelo grupo social, mas sem garantia de funcionalidade. Qualquer estereótipo a princípio é neutro, é um instrumento de relação do homem consigo mesmo e com o mundo. Dizemos que um estereótipo é positivo quando é útil para aquela individuação. Um estereótipo se torna negativo quando absolutizado, quando o indivíduo, sem a flexibilidade de modos, impõe a si, às relações e ao ambiente em geral, modos sempre estandartizados, rígidos, invariáveis. O mesmo fator que segrega o indivíduo em uma monocultura familística¹³, segrega-o em um modo cultural: a rigidez de estereótipos.

Existem os estereótipos pessoais, os familiares, os estereótipos de cultura regional, de cultura nacional, e assim por diante. Eles são bons ou não? São relativos. A cultura é um estereótipo social e como todo estereótipo é neutro. Marx (1993) dizia que é o homem que faz sua cultura. Mas qual homem? O homem saudável ou o homem doente? O homem realizado ou o homem frustrado? Nem tudo o que é produzido pelo homem como forma de cultura é positivo a este mesmo homem. Segundo Maslow (1971, p.17):

Os doentes foram tornados doentes por uma cultura doente; os sadios foram possíveis por uma cultura sadia. Mas é também verdade que os indivíduos doentes tornam ainda mais doente a cultura.

A relativização dos estereótipos possibilita superar a atitude de medo e de antagonismo que o outro - diverso por cultura - desperta a um primeiro contato e contribui para a construção de uma disponibilidade à pluralidade cultural. Existem várias identidades históricas que podemos assumir; nenhuma é definitiva, todas são progressivas.

¹³ Em Ontopsicologia, usa-se o termo “familístico” para designar a dinâmica familiar patológica.

4. A cultura russa

Para a maioria dos brasileiros, a Rússia era uma mais uma fábula que um país ou, ao máximo, o antagonista americano devido ao qual a ONU de tempos em tempos precisava intervir para mediar conflitos. Os depoimentos dados mostram a surpresa com um mundo inesperado, rico de cultura, arte e atitude construtiva.

G.E: “Víamos a Rússia como fora filtrada pela cultura americana, mas é um povo fantástico, onde a relação entre Sociedade e Universidade é constante; a Universidade é continuamente solicitada a participar dos problemas da civilização com pesquisas, análises, estudos e construção conjunta de soluções.”

A.M: “Tive a oportunidade de estreitar relações com a profissional com quem trabalhei na tradução da minha tese e, depois que adquirimos uma certa intimidade na relação, nos divertíamos contando uma a outra o que nos era reciprocamente dito a respeito da outra cultura. Tantas distorções, tanto folclore!”

B.J.: “Ao primeiro impacto, a cultura russa prepondera sobre a brasileira porque é um tipo de raciocínio mais lógico, mais elaborado. Mas depois estimula a rever seus modelos mentais e então você passa a relativizar tanto os modos de ser dos brasileiros quanto os modo de ser dos russos. Curioso que, apesar de serem um povo que foi quase arrasado pelo comunismo, não encontrei um russo que culpasse o Estado ou o Partido pelas precárias condições econômicas que o país se encontrava no momento da Perestroika. Eles simplesmente se puseram a trabalhar para reconstruir a sua economia. Vi nessa atitude um orgulho positivo, de quem não quer piedade, mas acredita na própria capacidade de ação. Isso me estimulou a lançar um olhar crítico para as constantes acusações que nós fazemos ao governo, de direita ou de esquerda que seja, como se ele fosse culpado pela chuva que abriu um buraco na nossa rua. Indiscutível que o Estado tem suas obrigações, mas nós também não temos as nossas como cidadãos operativos e capazes?”

A.L.¹⁴: “Impressionou-me sobremaneira como a Rússia conseguiu desenvolver uma cultura acadêmica, científica, a revelia daquela dos EUA que é amplamente difundida no Brasil. A formação deles é uma “rocha” pela história de vida mais dura que tiveram. É fantástico o estímulo à arte: museus, palácios, igrejas, construídos numa

¹⁴ Médico, 42 anos.

época de ouro. Eu era completamente desinformada; acreditava que era um povo pobre, rude, e quando cheguei vi uma civilização esplêndida e um povo que consegue contemporaneamente ser forte e doce.”

O que significa “cultura”? Termo controverso, complexo, extenso. Do ponto de vista antropológico é definido como “um conjunto de padrões de comportamento, crenças, conhecimentos, costumes etc. que distinguem um grupo social; forma ou etapa evolutiva das tradições e valores intelectuais, morais, espirituais (de um lugar ou período específico); civilização; complexo de atividades, instituições, padrões sociais ligados à criação e difusão das belas-artes, ciências humanas e afins” (HOUAISS, 2001). Mas retornemos a etimologia do termo: Deriva do verbo latino *coltivare* por influência do alemão *kultur* (ZINGARELLI, 2004), que se referia aos aspectos espirituais de uma comunidade (LARRAIA, 2001). Portanto, essencialmente está relacionada ao modo como desenvolver a semente que se planta no campo, como desenvolver, selecionar o que cresce ao projeto virtual que a semente é. O homem é uma semente que não necessita apenas de elementos físico-químicos para se desenvolver, mas também de vínculos, de arte, de conhecimento. O que deve ser “cultivado” pelo homem são todas as formas, hábitos, modo de vida que desenvolvem aquela tipologia de ser humano, naquele espaço, naquele tempo. Portanto, cada povo encontrou um modo de desenvolver seus indivíduos e aplicar suas capacidades e a isso chamamos genericamente de “cultura”. O modo russo de desenvolver seus indivíduos não é contrário ao modo brasileiro; é apenas diferente. O que deve ser observado é que esses modos não sejam antagônicos, não sejam contra o humano no seu processo espaço-temporal, ou seja, que favoreça a semente e não lhe seja contra.

Um aspecto a ser considerado, e isso deixemos para a sociologia política, é a cultura como resíduo de interesses econômicos. Nos depoimentos vemos como um enorme país é apresentado a outro segundo uma dominância ideológica colonizadora como aquela vivida pelo Brasil em relação aos EUA por mais de meio século. O problema é quando a própria ou altrui cultura se sobrepõe impositivamente.

No contato com culturas diversas, vendo outras cores, outra arquitetura, outra psicologia, outros estímulos perceptivos, o indivíduo pode levar em consideração um mundo de possibilidades que ele não conhecia, não controlava, não considerava. Imaginemos um indivíduo submetido sempre ao mesmo estímulo visual, por exemplo, listras horizontais; ao final de dez ou vinte anos, verá o mundo horizontalmente e tudo o

que for vertical não será colhido pelos seus sentidos. O condicionamento ao mesmo estímulo perceptivo desenvolve uma anulação de outros para o qual o indivíduo não foi educado. Assim, não vemos uma enorme parte da realidade, porque não temos instrumentos para colhê-la. Por outro lado, se a percepção tem sempre um dado subjetivo, é qualificando o sujeito percipiente que aprimoramos sua visão de mundo.

Vemos também nos depoimentos que aquele diferente, antes estranho e assustador, transforma-se em atrativo e simpático; vemos fascínio pela nova cultura recém descoberta.

5. Observações dos professores da Universidade Estatal de São Petersburgo

Tivemos a ótima oportunidade de entrevistar três professores que lecionaram no projeto. Os seus depoimentos demonstram como a experiência foi rica também para eles, e como duas culturas tão diferentes podem ser tão atraentes entre si. Abaixo, a síntese de seus depoimentos.

S.O.¹⁵: “Foi muito agradável lecionar para alunos brasileiros porque eles escutam atentamente, sorriem... e esse *feedback* é importante. Do ponto de vista intelectual, faziam perguntas sempre profundas, sentia-se que queriam compreender o que estudavam; têm interesse verdadeiro. O estupendo é que fizeram um exame de alto nível com poucos erros. Nós tínhamos preocupações em ensinar ao grupo brasileiro, mas o seu interesse e atenção davam muito apoio. (...) Não fizemos adaptação de método, mas buscamos dar mais exemplos e que fossem mais adequados à cultura brasileira. O tempo era curto e o material extenso. (...) Os alunos eram maduros, com motivações precisas; compreendem bem o escopo do estudo; tinha sempre um interesse profundo e com boa atitude, boa relação, sempre com muita estima. (...) Tentei individuar um tipo específico de rosto brasileiro, mas não consegui! São todos diferentes!

G.N.¹⁶: Trabalhamos com diferentes culturas, mas essa experiência era nova para nós e estávamos preocupados. Hoje, concluo que é uma experiência positiva para alunos e professores. Certamente são alunos não ordinários, mas estudantes de Ontopsicologia, o que os faz preparados para perceberem o conhecimento de forma mais madura. Esta experiência deu grande estima pela ciência. Podemos dizer que esse modo de estudar muito comprometido difere esse grupo de estudantes brasileiros. (...) O Brasil e a Rússia

¹⁵ Professora da disciplina *As Bases Psicológicas da Psicoterapia*.

¹⁶ Professora da disciplina *Administração de Conflito*.

são muito diferentes como cultura e como história. É estupendo que sejamos similares na percepção de vida, na capacidade de responder, ser cordial, na abertura e hospitalidade. Os estudantes brasileiros amam o seu país e fazem teses, dissertações, vê-se sempre a tensão em fazer pela própria terra, por outras pessoas. Têm esse grande nível de orientação ao escopo, aos valores mais elevados. (...) Não houve adequação de método, apenas outros acentos. Somos europeus e temos uma outra experiência existencial. Nas perguntas e nas considerações que os alunos fazem nas aulas aparece o sentimento de uma variedade de experiências. Aprende-se que o mundo é muito variado, muito diverso, extraordinário. Quando vêm a São Petersburgo, magnífica cidade, vêem que a nossa Rússia não é tão longe!

T.L.¹⁷: “Quando se faz um programa para estrangeiros é importante organizar o processo, a língua, traduzir o material. Não fizemos alteração do método, apenas tomamos conhecimento das particularidades culturais. Eu busquei explicar tudo mais detalhadamente e me certificar do entendimento. (...) Esse grupo, em particular, é um grupo muito maduro, compreendem o escopo para o qual estudam. Quando se sabe para onde se quer ir, a motivação é muito alta. Inicialmente parecem lentos, mas isso dá a possibilidade de compreender de modo mais profundo; são muito pensativos, pensam mais. (...) Os estudantes brasileiros são delicados, são de modo um pouco ansiosos, mas têm grande estima. Parece que não farão perguntas, mas depois elas vêm e são em *target*. Parece que têm atributos de uma cultura coletivista: de si, do outro e do grupo. Os europeus são mais pautados em si mesmos. Para um brasileiro valem os colegas; são mais amigos. E buscam conservar a distância entre professor e aluno. (...) É muito interessante como através de diferentes culturas se pode fazer uma visão crós-cultural. Também no sentido filosófico, metafísico, sublinha-se uma unicidade e compreensão única do homem, e nisso a abordagem ontopsicológica tem universalidade porque não é ligada a nenhuma cultura.”

Nesses depoimentos vemos que a experiência foi gratificante e positiva também para os representantes da instituição universitária. Ainda que existam diversos estudantes estrangeiros em outros projetos, a maioria é de cultura soviética ou europeia; portanto estudantes brasileiros na Psicologia e como grupo, eram uma novidade.

¹⁷ Professora da disciplina de *Métodos Matemáticos na Psicologia*.

Foi bem evidenciado pelos professores o nível de maturidade do grupo. E essa é uma das particularidades dessa experiência: alunos e professores têm vivência do processo de psicoterapia de autenticação na abordagem ontopsicológica. O escopo deste método é a reintegração de uma consciência autêntica, portanto não estruturada sobre estereótipos. A relativização dos próprios estereótipos através do processo de mudança contínua de hábitos mentais proporciona que a dialética não seja superficial onde se aceita, mas não incorpora um elemento novo de ganho, numa forma mais criativa de viver a própria identidade.

CONCLUSÃO

A capacidade de interação com mundos, costumes e psicologias diversas, possibilita uma maior adequação, e portanto eficiência histórica, a uma civilização que já não é mais monocultural, mas é pluricultural. Por que fazer algo único? Não significa que o distinto deva ser contraposto, antagônico. Muitas vezes ele é complementar. O indivíduo que mais rápido atingir essa capacidade, mais poderá ser função de valor para seu contexto e para sua cultura.

Nessa pesquisa, conseguimos verificar, através dos depoimentos, que a flexibilidade de estereótipos é fator determinante para a eficaz integração de diferentes culturas. Em indivíduos ou grupos onde os estereótipos são relativizados há contínuo interesse e curiosidade positiva em relação a outros grupos culturais; há também tolerância e respeito pelos hábitos, valores e psicologias de outros grupos culturais e há uma maior compreensão da própria identidade através do conhecimento do outro diverso e da integração de novos costumes que possibilita uma ampliação dos modos existenciais. “A participação há uma pluralidade de situações faz autogênese de inteligência e auto-liberação dos estereótipos (MENEGHETTI, 2004, p. 262)”. Sendo verdadeiro que o Eu se desenvolve no Tu, bem vinda a diversidade!

Considerando os diversos elementos abordados nesse trabalho, temos que o homem não é livre para não ser aquilo que intrinsecamente já é. Ou seja, temos uma identidade base, biológica e psicológica, da qual não podemos fugir, e a qual não podemos negar. Devemos dar um passo atrás na análise e ver sob o ângulo de um aspecto essencial: a insuprimível identidade do homem como ser humano. Como uma semente de maçã que não pode não ser uma macieira, o homem não existe fora da

identidade que o funda. Não é a cultura ou o grupo a determinar esses elementos, mas sim uma habilidade inata, um dote naturalmente determinado. O homem é “projeto espiritual em acontecimento histórico”. A cultura onde o sujeito nasce e cresce, depois, pode estimular ou restringir essas características; não as gera, mas as define, pois no acontecimento espaço-temporal, aquela virtualidade vai refinando sua forma. Também a identidade de gênero vem depois da identidade de humano; primeiro se é espécie humana; depois se é indivíduo; depois se é masculino ou feminino. Por um lado, a diferença causa antagonismo devido ao absolutismo dos próprios modos. Por outro lado, a perda da própria identidade está relacionada a não conscientização dessa mesma identidade; perde quem não a tem, não a conhece. Segundo Meneghetti (2003)¹⁸:

é necessário aprender a arte de como saber servir todos permanecendo no fundo exclusivo para si mesmo que é a raiz ôntica. Se perde a raiz está fora do jogo. Deve-se manter a coerência com essa identidade que se desenvolve. Podemos viver muitas epoquês sem jamais perder o Em Si da vida que é a identidade natural. (...) Somos livres para viver com todos, mas jamais desmentir o genoma ôntico, aquele ser pessoa. Disso nasce a capacidade, o poder de fazer evolução também da identidade humanística, do coletivo humano. Da minha identidade eu posso ajudar.

A experiência relatada, baseada na ciência ontopsicológica, possibilitou um ótimo inter-relacionamento entre duas culturas extremamente diversas, estimulando novos modos de ser, além de desenvolver maior compreensão da própria identidade natural.

Qual é a melhor cultura? Em si mesma, nenhuma. O importante é que sejam salvaguardados os princípios elementares da identidade humana. É comum atualmente colocar o termo “cultura” como oposto a “natureza” (EAGLETON, 2000), mas isso ontologicamente não tem sentido. Se o homem faz uma cultura que depois destrói o homem, numa nova versão de “Frankenstein” (SHELLEY, 1998), significa que o homem está corrompido e, tanto homem quanto cultura devem ser revistos. “Qualquer verdade existencial é válida exclusivamente se uniformada ao homem” (MENEGETTI, 2004). Mas isso não significa abandonar a identidade histórica, pois “quando um povo perdeu a sua identidade histórica, torna-se apenas multidão. É necessário recuperar toda a cultura humanista clássica, da qual toda a América Latina de fato deriva” (MENEGETTI, 2000).

¹⁸ Trechos das anotações pessoais do *Residence IDENTIDADE MULHER* realizado pelo Acadêmico Antonio Meneghetti em São Petersburgo em Junho de 2003.

No início do século XIV houve o grande movimento humanista; estudiosos de todo o mundo trocavam correspondências compartilhando pesquisas, estudos, visões sobre o homem que era o real centro de interesse de todos. Quem sabe fazemos um novo humanismo? Vários povos, várias cultura, uma só raça: a raça humana. Comunistas ou capitalistas, ocidentais ou orientais, do norte ou do sul..., sejamos humanos!

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EAGLETON, T. **A ideia de cultura**. São Paulo: Ed. Unesp, 2003.
- HOUAISS, A. **Dicionário eletrônico Houaiss da língua portuguesa**. Editora Objetiva, 2001.
- LARRAIA, R.B. **Cultura: um conceito antropológico**. 14^a edição. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.
- MARX, K. **Manuscritos econômico-filosóficos**. Lisboa: Edições 70, 1993.
- MASLOW, A. **Verso una psicologia dell'essere**. Roma: Casa Editrice Astrolabio, 1971.
- MENEGHETTI, A. **Dicionário de Ontopsicologia**. São Paulo: Ontopsicológica Editrice, 2001.
- MENEGHETTI, A. **Manual de Ontopsicologia**. 3^a ed. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2004.
- MENEGHETTI, A. **Brasil, política e economia 2000**. Recanto Maestro: Ontopsicológica Editrice, 2000.
- MEKSENAS, P. **Pesquisa Social e Ação Pedagógica**. São Paulo: Loyola, 2002.
- PEREIRA, M. E. **Psicologia social dos estereótipos**. São Paulo, SP: EPU, 2002. *Educ. Soc.*, Campinas, vol. 25, n. 87, p. 423-460, maio/ago. 2004.
- SHELLEY, M. **Frankenstein ou o moderno Prometeu**. Tradução de Éverton Ralph. São Paulo: Publifolha, 1998.
- VYGOTSKY, L. S. **A Formação Social da Mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1999
- ZINGARELLI, N. **Vocabolario della lingua italiana**. Bolonha: Editora Zanichelli, 2004.

PERFIL PROFISSIONAL DOS AUTORES

ANA PETRY

Psicóloga, Consultora Empresarial, Diretora da Profilo d'Azione Assessoria Empresarial, Especialista Ontopsicologia pelo CEUB/DF e em Psicologia com abordagem Ontopsicológica UESP/RU. Membro do Conselho Científico da ABO e da FAM.

ADRIANE MORO MENDES

Farmacêutica bioquímica, Psicóloga, Especialista em Psicologia com abordagem Ontopsicológica UESP/RU, doutoranda em Engenharia e Gestão do Conhecimento PPGEGC/UFSC. Professora da Universidade Federal de Santa Catarina. Membro do Conselho Científico da ABO.